

A DANÇA COMO INSTRUMENTO TRANSFORMADOR DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E.S.S.A. DANÇA¹

DANCE AS A TRANSFORMING INSTRUMENT OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS IN EDUCATION: REFLECTIONS FROM THE UNIVERSITY EXTENSION PROJECT E.S.S.A. DANÇA

Fernanda Abbatepietro Novaes

Mestrado em Educação. Docente efetiva da Universidade do Estado de Minas Gerais.
E-mail: fernanda.abbatepietro@uemg.br

Paola Luzia Gomes Prudente

Doutorado em Estudos do Lazer. Docente efetiva da Universidade do Estado de Minas Gerais
E-mail: paola.prudente@uemg.br

Matheus Félix Caetano Gonçalves

Discente do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais
E-mail: mathfcg@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho relata as atividades do projeto E.S.S.A. DANÇA em diálogo com o potencial político e formativo da extensão universitária. Tais implicações político-sociais exigem dos sujeitos envolvidos na ação extensionista uma postura intelectual aberta ao diálogo e à alteridade. Nessa direção, o projeto tem como objetivo oferecer vivências em dança para alunos do ensino médio técnico da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo (E.S.S.A.), na cidade de Ibirité – MG, como forma de valorizar e fortalecer a história e a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros. Por meio de oficinas que promovem vivências em danças diversificadas, seguidas de momentos de reflexão sobre a cultura afro-brasileira através de músicas, vídeos etc., os alunos foram incentivados a perceber as potencialidades do próprio corpo e a produzir danças a partir do reconhecimento de sua própria identidade e corporeidade. Por meio de vivências afirmativas em relação a seu pertencimento racial, os alunos puderam questionar o lugar de inferioridade destinado à cultura negra e ressignificá-la de maneira positiva. Desta forma, acreditamos que a dança assim como a extensão universitária, encerram em si uma dimensão política, que podem potencialmente contribuir para a formação de alunos capazes de questionar, intervir e transformar a realidade.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Corpo. Dança

ABSTRACT

This work reports the activities of the E.S.S.A. DANCE in dialogue with the political and educational potential of university extension. Such political-social implications demand from the subjects in-

¹ Projeto aprovado pelo Programa de Apoio à Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais- PAEx - UEMG

involved in the extensionist action an intellectual posture open to dialogue and alterity. In this direction, the project aims to offer dance experiences to technical high school students at the Sandoval Soares de Azevedo State School (E.S.S.A.), in Ibititê- MG, as a way to value and strengthen the history and culture of African and Afro-Brazilian peoples. Through workshops that promote experiences in diversified dances, followed by moments of reflection on Afro-Brazilian culture through songs, videos, etc., students were encouraged to perceive the potential of their own bodies and to produce dances based on the recognition of its own identity and corporeity. Through affirmative experiences in relation to their racial belonging, the students were able to question the place of inferiority assigned to black culture and resignify it in a positive way. In this way, we believe that dance, as well as university extension, contain a political dimension, which can potentially contribute to the formation of students capable of questioning, intervening and transforming reality.

Keywords: Afro-Brazilian culture. Body. Black identity.

INTRODUÇÃO

Oficialmente, a extensão universitária é registrada pela primeira vez, no Estatuto das Universidades Brasileiras, em 1930 e era reconhecida como instrumento de transmissão do conhecimento da universidade para a sociedade. Em 1969, a Lei Básica da Reforma Universitária, implementa o conceito da indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, sendo esta última, a forma de estender à comunidade sua atividade de ensino e o resultado de suas pesquisas (NOGUEIRA, 2013).

Apesar do reconhecimento legal das atividades de extensão representar um avanço importante, deve-se atentar para forma instrumental e reducionista com que ela é tratada tanto nos documentos, quanto nas práticas. Instrumental, na medida em que encerram seu objetivo a elevar o nível cultural da população em geral, por meio de cursos e atividades. Reducionista, uma vez que assume papel secundário em relação à pesquisa e ao ensino, resumindo-se em divulgar os resultados da primeira ou a reforçar o segundo. Em ambos os casos, subestima-se seu papel transformador e decisivo na construção de uma universidade socialmente referenciada e democrática.

Na década de 80, com as mudanças políticas que estavam em curso e a mobilização da sociedade civil, principalmente de grupos sociais minoritários, vêm à tona as discussões sobre o papel da universidade e seu compromisso

com as classes menos favorecidas. Nesse cenário, a extensão passa a ser considerada peça fundamental para o cumprimento da função social da Universidade, de forma que o discurso construído sobre a extensão universitária passa a indicar a necessidade de superação da distância entre a produção e a socialização do saber (NOGUEIRA, 2013).

De lá pra cá, a extensão avançou bastante, tanto do ponto de vista conceitual, quanto de sua normatização. É reconhecida pela Constituição Federal, pelo Plano Nacional de Educação e outros dispositivos legais em sua capacidade de articulação entre o ensino, a pesquisa e as demandas da comunidade. Contudo, outros desafios se colocam, como o de contribuir para a qualidade política na formação universitária.

Para Demo (2001), a qualidade política é a razão de ser da formação universitária e por isso “a extensão não pode ser residual, eventual, acessória ou voluntária. Ela está no centro do sistema universitário. Ela é essencial.” Estas implicações político-sociais exigem dos sujeitos envolvidos na ação extensionista uma postura intelectual aberta ao diálogo e à alteridade (DEMO, 2001, p. 152, apud NOGUEIRA, 2013).

Acreditamos que uma extensão verdadeiramente dialógica não pode desconsiderar a cultura da população a quem se destina. Dessa forma, é a horizontalidade do conhecimento e o respeito à cultura local que caracterizam uma extensão comprometida com as mudanças necessárias da sociedade. Uma práxis de um conhecimento acadêmico, que não é um fim em si mesmo, construído no diálogo entre

a academia e a realidade da comunidade, onde os saberes acadêmicos não se sobrepõem aos saberes populares.

É esta a perspectiva de extensão adotada pelo curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Ibirité, ao propor o projeto “E.S.S.A DANÇA: valorização da cultura afro-brasileira”, que tem como objetivo oferecer vivências em dança para alunos do ensino médio técnico da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo (E.S.S.A.), como forma de valorizar e fortalecer a história e a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros.

Entendemos o racismo como sendo um código ideológico, que toma atributos biológicos como valores e significados sociais e impõe ao negro uma série de conotações negativas que o afetam social e subjetivamente (GOMES, 2021). Neste contexto, as sociedades escravistas, ao transformarem o africano em escravo, desconstruíram seu horizonte simbólico, abolindo seus costumes e valores e impondo um sistema de referência produzido na perspectiva eurocêntrica. Em nome de sua suposta superioridade intelectual e científica, os europeus hierarquizaram grupos humanos como superiores ou inferiores, relacionando os traços físicos às qualidades morais, culturais e estéticas.

Nas escolas, esta realidade pode ser observada através de processos pedagógicos que excluem dos currículos a história e cultura dos povos negros; impõem uma autorrepresentação baseada em um padrão branco; propagam a ideia da democracia racial afirmando um suposto tratamento igual às crianças brancas e negras; e conferem caráter exótico às produções culturais da população negra. Parte significativa dos estudos sobre crianças negras no Brasil denunciam as práticas e as mecânicas racistas que permeiam os sistemas escolares (ABRAMOWICZ et. al., 2010).

Na avaliação de Gomes (2021), os livros didáticos, os discursos, as relações pedagógicas, os cartazes afixados nos murais e as relações entre os sujeitos no ambiente escolar, constroem uma determinada representação do que é ser negro. No trato das questões raciais, o corpo

negro é quase sempre representado açoitado, acorrentado, subjugado. E embora os currículos, atualmente, sinalizem algum tipo de leitura crítica sobre estas questões, o discurso pedagógico proferido sobre o negro, mesmo sem referir-se explicitamente ao corpo, aborda e expressa impressões e representações sobre esse corpo e sua cultura. Neste contexto, o conjunto de dispositivos legais, que fomentam uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, assume grande relevância.

Entre estes dispositivos está a lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio. Segundo Coelho e Coelho (2012) este dispositivo indaga a narrativa dominante e a falácia da democracia racial, reivindicando o reconhecimento da memória e da cultura do povo negro, em sua diferença, na formação da sociedade brasileira. Nesta perspectiva, a presença do negro em nossa sociedade ganha uma nova dimensão e passa a contribuir positivamente em sua noção identitária e de pertencimento, o que pode contribuir para o enfrentamento do preconceito e seus efeitos nocivos na formação de crianças e adolescentes. É ancorado nestes pressupostos que o projeto planeja e executa suas atividades.

METODOLOGIA

A escola Sandoval Soares de Azevedo (E.S.S.A) pertence à rede estadual de ensino de Minas Gerais, oferecendo ensino fundamental I e II e ensino médio para cerca de 3.500 alunos. Gerida pela Fundação Helena Antipoff, a escola oferece aos alunos diversas atividades extracurriculares em parcerias com ONGs e Universidades, estabelecidas por meio de sua coordenação de projetos. O projeto aqui descrito é fruto desta parceria entre E.S.S.A e UEMG. As atividades propostas preveem a oferta de oficinas de dança para alunos do ensino médio da referida escola e a realização de um espetáculo de dança inspirado em temas da cultura

afro-brasileira.

As oficinas são ministradas pelos alunos extensionistas (bolsistas e voluntários) da UEMG, sob a orientação da professora coordenadora. Em 2023, entre março e dezembro, foram oferecidas 4 turmas com 20 vagas cada uma, distribuídas ao longo da semana, das 11:30h às 13:00h. Os estudantes da UEMG ficaram responsáveis pelo planejamento e mediação das oficinas, controle de frequência, avaliações dos alunos, bem como pelos trâmites técnicos e burocráticos para a realização do espetáculo.

O conteúdo ministrado não se limitou ao ensino de uma técnica ou dança específica. Partimos da experiência prévia dos alunos com músicas no estilo funk e hip hop e avançamos posteriormente para outros ritmos afro diaspóricos como dance hall, reggaeton, soul, ritmos cubanos, sambas, maracatus, entre outros. Além das danças codificadas, oferecemos também vivências corporais diversificadas, para o desenvolvimento de fundamentos básicos de dança como consciência corporal, expressividade, musicalidade e ritmo. Além de aulas práticas, fazem parte das atividades a exibição de vídeos, rodas de conversa, análise de letras de músicas e contação de histórias que suscitem o debate sobre as questões raciais. O desenvolvimento dessas habilidades foram a base para a produção de um espetáculo de dança realizado como encerramento anual do projeto, visando a socialização do conhecimento produzido pelos alunos, com as comunidades local, escolar e acadêmica.

O espetáculo, intitulado “Histórias que a História não conta”, teve como temática central as pessoas, histórias e saberes da cultura afro-brasileira que foram invisibilizadas e apagadas pela História oficial. As coreografias foram concebidas e criadas coletivamente pelos alunos da escola com auxílio dos estudantes extensionistas da UEMG, bem como o cenário, o figurino e o roteiro. As danças apresentadas homenagearam nomes como Benjamim de Oliveira, Dandara, as mulheres negras do Brasil, também exaltaram elementos da cultura afro-brasileira como o samba e a MPB e as religiões de matriz africana. Antes de cada apresentação, a narração de um pequeno texto introdutório, escrito pelos próprios alunos, fazia

a contextualização entre a dança apresentada e a temática central. Realizado no mês de dezembro como encerramento anual do projeto, no auditório da escola técnica Sandoval Soares de Azevedo, o espetáculo contou com um público de mais de 250 pessoas entre amigos, familiares e pessoas da comunidade, o que reforçou o caráter extensionista do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio das atividades do projeto, acreditamos que os alunos foram capazes de perceber as potencialidades do próprio corpo e de produzir danças a partir do reconhecimento de sua própria identidade e corporeidade. Além disso, puderam refletir sobre racismo e preconceito na sociedade brasileira.

Entendemos que o projeto contribuiu na formação de adolescentes capazes de perceber e transformar seus movimentos, aprendendo a valorizá-los e expandi-los, fortalecendo suas percepções em relação aos seus corpos e à sua autoimagem, auxiliando o processo de formação da identidade racial.

Ao utilizar a dança como fonte de conhecimento, o projeto confronta a hegemonia da ideologia positivista que rege a escola tradicional, onde corpo e mente são colocados em posições dicotômicas. A educação escolar, baseada nos pressupostos racionalistas da modernidade, promove um distanciamento entre a aprendizagem e experiências sensíveis, instituindo códigos morais que ditam condutas e reprimem a expressão do corpo. Em oposição, a dança se mostra como um espaço de aprendizagem com permissão ao movimento corporal, à expressão e às sensibilidades, o que pode se configurar como uma chave de acesso para outras leituras de mundo.

Neste sentido, a dança como geradora de saberes e práticas sociais, configura-se ainda como potente espaço de fortalecimento dos valores civilizatórios da cultura africana, onde o conhecimento é adquirido de forma ativa, nas relações pessoais estabelecidas pela oralidade e pelo corpo. Desta forma, por meio de

vivências afirmativas em relação a estes valores, os alunos aprendem a questionar o lugar de inferioridade destinado à cultura negra e ressignificá-la de maneira positiva.

Cabe salientar que o projeto não beneficia apenas os alunos de ascendência negra. Uma vez que a questão étnico-racial diz respeito a toda a sociedade brasileira e não somente aos negros, acreditamos que alunos brancos, ao receberem uma educação pautada nas relações raciais, serão mais comprometidos com a superação do racismo e a lutarem por uma sociedade mais justa para todas e todos. Desta forma, além do impacto na formação identitária dos alunos negros e brancos, o projeto contribui para a concretização de ações para o cumprimento da lei 10.639/03 na E.S.S.A, auxiliando-a em seu dever de oferecer uma educação pública e democrática, na qual deve estar incluído o direito à diferença.

Este impacto também atinge os estudantes extensionistas da UEMG. Enquanto futuros professores, a participação no projeto qualifica sua formação docente, capacitando-os para concretizar as diretrizes da lei em processos de ensino-aprendizagem que promovam uma educação baseada no respeito à diferença, à pluralidade étnico-racial e voltada para a valorização das diversas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, reconhece-se que as danças, assim como a extensão universitária, encerram em si uma dimensão política, que podem potencialmente contribuir para a formação de alunos capazes de questionar, intervir e transformar a realidade. Da mesma maneira, dançar pode ser uma forma de ver o mundo em sua pluralidade, tensionamentos e diferenças e de perceber a diversidade e a complexidade em nossas relações

Para isso, faz-se necessária a substituição de paradigmas que hipervalorizam uma forma única e hegemônica de conhecimento no

processo de aprendizagem, por outros, que incluam o uso do espaço, do movimento, do ritmo, do corpo, da palavra, do silêncio e tantas outras formas legítimas de conhecer o mundo. Neste sentido, as danças, como elemento essencial da cultura popular, representam um papel precípuo na construção do diálogo entre as variadas lógicas que permeiam os diferentes grupos que coexistem na sociedade.

Esta diversidade de formas com que indivíduos e grupos se colocam no mundo, suas formas particulares de viver em comunidade e de se relacionar com o outro, revelam significados que só podem ser percebidos por um olhar sensível e atento. Um olhar capaz de enxergar as subjetividades e concretudes daqueles que dançam para não esquecer quem são e de onde vêm.

REFERÊNCIAS

COELHO W. C. B; COELHO M.C. Educação para a diversidade e a questão étnico-racial: apontamentos para a análise de práticas em curso. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35, 2012, Porto de Galinhas. **Anais da X reunião anual da Anped.** disponível em: < <http://35reuniao.anped.org.br>. > acesso em 18 de fev. 2022.

DEMO, P. Lugar da extensão. In: FARIA, D. P. (Org.). **Construção conceitual da extensão na América Latina.** Brasília, 2001, p. 141-158.

GOMES, N. L. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Rev. Filos. Curitiba**, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai/ago. 2021.

ABRAMOWICS, A.; OLIVEIRA, F.; RODRIGUES, T. C. A criança negra, uma criança e negra. In: ABRAMOWICS, A.; GOMES, N. L. (orgs) **Educação e Raça: perspectivas políticas pedagógicas e estéticas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.75-97

NOGUEIRA, M. D. P. A construção da extensão universitária no brasil: trajetória e desafios. In FOR-PROEX **Comissão Permanente de Avaliação da Extensão. Avaliação da Extensão Universitária: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão.** Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2013